

## **Alfabetização – alfabetizações – analfabetismo**

Regina Leite Garcia\*

Pretendo, aqui, trazer algumas situações da prática, colhidas em nossa pesquisa e que muito têm nos feito pensar, além de questões teóricas que vêm mobilizando a comunidade acadêmica, mas que nem sempre chegam às escolas ou, quando chegam, chegam como na brincadeira do telefone sem fio, tão diferentes do que foi o pensado e escrito por quem formulou a tese, que mais atrapalham do que ajudam a quem no cotidiano das salas de aula se depara com a responsabilidade de que seus alunos e alunas se alfabetizem.

### **Pra fazer dever, né?**

Estava eu fazendo uma pesquisa com crianças escolares sobre o que pensam e dizem sobre a escola quando, abordando uma menina de seus sete ou oito anos, perguntei-lhe se gostava da escola, ao que ela respondeu:

– “Ah, eu gosto muito!”

Em seguida lhe perguntei se já sabia ler e escrever. E ela, muito orgulhosa respondeu:

– “Estou aprendendo e já sei muita coisa”.

Ao lhe perguntar por que gostava da escola, após um embaraçado silêncio me respondeu:

– “Pra fazer dever, né?”

A nos perguntarmos sobre o que sucede na escola, que uma criança, na falta de uma resposta que melhor pudesse atender ao esperado pela

---

\* Pesquisadora associada do Programa de Pós-graduação – Mestrado e Doutorado da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Grupalfa – Grupo de Pesquisa Alfabetização dos alunos e alunas das classes populares. Pesquisadora do CNPq.



entrevistadora, responde gostar de fazer dever. Será? Será que a menina realmente gosta da escola porque lá “faz dever”? ou, na falta de uma resposta melhor, se livrou da pergunta e respondeu o que lhe pareceu que agradaria à entrevistadora.

Onde a alegria do convívio com outras crianças, onde o prazer de aprender, onde o fascínio da descoberta e da criação?

**Puxa bem por ela, pra ver se esta aprende,  
que os irmão foi tudo cabeça dura**

Era eu professora primária e, como em geral acontece no primeiro dia de aula do ano, estavam todas as crianças formadas no pátio da escola. Num determinado momento se aproxima de mim uma mulher, visivelmente pobre, com poucos dentes na boca, varizes nas pernas, um lenço escondendo os cabelos e um ar humilde. Quase a pedir desculpas por falar, a mulher me pergunta:

– “Aquele menina de fita vermelha no cabelo vai ser sua aluna?”

À minha resposta positiva, a mulher acrescenta com um ar demandante:

– “Puxa bem por ela, pra ver se esta aprende, que os irmão dela foi tudo cabeça dura e não aprendeu nada na escola”.

Aquela mulher acreditava depender da capacidade da professora, puxando por sua filha, que a menina rompesse o estigma da incapacidade para aprender e efetivamente aprendesse. Se eu puxasse pela menina, ela aprenderia, se não, ela, como os irmãos, *tudo cabeça dura*, fracassaria. Quantas e quantas vezes se constata no cotidiano da escola como se dá o processo de internalização da responsabilidade pessoal de um fracasso que é global. Por que as crianças pobres fracassam na escola, por que as crianças afro-descendentes fracassam na escola, por que as crianças que trabalham fracassam na escola, por que são elas que aumentam a cada ano o contingente que vive no limite ou abaixo da linha de pobreza?

Perguntas cuja resposta não está na sala de aula, ou apenas na escola, ainda que, compreendendo a sociedade em que vivemos e como

nela se dão as relações de poder, possamos efetivamente fazer algo na escola, no sentido de resistir ao perverso processo de discriminação e exclusão de tantos e tantas que, embora participem da produção da riqueza, dela não usufruem. Não fosse assim, como se explicaria que numa sociedade como a nossa, que se apresenta ao mundo, ainda que a contragosto dos que provocam e mantêm essa situação de absurda concentração de renda, algumas escolas se mobilizem coletivamente e consigam que todas e não apenas algumas crianças, se apropriem da linguagem escrita, dela se valendo para dizer a sua própria palavra?

**Agora ninguém me segura mais... eu já sei ler**

Uma de nossas orientandas de Mestrado elaborou uma dissertação a partir de uma pesquisa-ação sobre alfabetização de adultos. Na verdade não se tratava de uma pesquisa simplesmente para atender à exigência de um programa de Mestrado e Doutorado *tout court*. Tratava-se de uma professora, Inês, que vivendo na cidade de Araruama, na Região dos Lagos na costa do Estado do Rio de Janeiro, lá trabalhava num projeto de Educação de Jovens e Adultos – EJA e tinha a responsabilidade da alfabetização de um grupo de homens e mulheres de mais de 50 anos de idade.

Uma de suas alunas, dona Maria, tivera muita dificuldade em conseguir a aceitação de seu marido e filhos para que ela pudesse freqüentar a escola à noite. Reclamações, ironias, tentativas de impedimento.

– “Que idéia a mãe sair de noite pra ir estudar?”

– “Pra que estudá depois de véia?”

– “Vai estudá com aquela homenzada toda?”

Mas dona Maria insistiu. Passou a freqüentar a escola à noite, não sem antes terminar todos os seus afazeres, para que ninguém reclamasse que ela agora não ligava mais para a casa, nem para os filhos, nem para o marido. E aprendeu a ler e escrever.

Inês, a cada semana, trazia para o grupo de orientação coletiva o que vivia e colhia no cotidiano de uma classe de mulheres e homens de meia-idade, que retornam à escola, alguns, e entram na escola pela



primeira vez, outros. Das conversas que aconteciam entre eles e elas ia sendo encaminhado o processo de alfabetização. Iam aprendendo a escrever a partir das histórias que traziam de suas vidas. E Inês, nesse processo, ia se transformando em professora pesquisadora. Mais se fazia perguntas do que ousava dar respostas. A cada impasse, a busca de resposta num autor ou autora, ou no grupo de companheiras da orientação coletiva.

E Inês foi aprendendo na prática que a prática é um rico espaço de teoria em movimento, pois a cada encontro de orientação coletiva ia aprendendo a identificar a teoria que dialogava com a prática a cada momento. E mais, que do diálogo prática-teoria-prática muitas vezes o grupo criava novas teorias explicativas e/ou aplicativas. Teorias que explicavam melhor a prática do que a teoria da qual se valiam anteriormente e teorias que apontavam para novas possibilidades de intervenção pedagógica, o que contribuía para que se sentissem produtoras de novos saberes sobre a prática pedagógica e sobre o complexo processo de apropriação da linguagem escrita. Vivendo um rico processo de *empowerment* se sentiam talvez pela primeira vez sujeitos de conhecimento. Vivendo o seu próprio processo de *empowerment*, Inês se capacitava a contribuir para que seus alunos e alunas também se “empoderassem” (uma tradução muito feia).

Assim foi que, num dia de grande alegria para todas nós, Inês nos trouxe orgulhosa que sua aluna já sabia ler e que, ao se perceber capaz de ler e escrever, afirmara tão orgulhosa quanto Inês que compartilhava conosco a sua alegria:

– “Agora ninguém mais me segura... eu já sei ler”.

### **Primeiro é preciso saber ler e compreender o que se está lendo**

No Curso de Epistemologia do ponto de vista das classes populares, que Victor Valla e eu oferecemos a cada ano no Mestrado e Doutorado da Faculdade de Educação da UFF, algumas vezes alguém leva um vídeo que a todos e todas pareça significativo ao tema de nossas discussões.

Na última semana de aula, uma das alunas, Lícia, levou um vídeo<sup>1</sup> realizado por um grupo irlandês que filmou todo o processo de tentativa de deposição do presidente Hugo Chavez na Venezuela e de retomada do poder. No momento em que é filmada a reação do povo ao desaparecimento do presidente e à declaração de que um novo governo havia assumido o poder, algo, entre tanta coisa, nos chamou a atenção. Tratou-se da imagem de uma mulher, no meio da multidão, que emocionada gritava:

– “Primeiro é preciso saber ler e compreender o que se está lendo”.

Esta mulher compreendera e num momento de forte envolvimento político, proclamava o valor do domínio da linguagem escrita. Ela sabia e mostrava com seus gritos a importância que teve para aquele povo, sair do mundo do analfabetismo, quando ser analfabeto é estigmatizado entre tantas formas de subalternizar as classes populares.

Pela manifestação do povo que se organizou e foi capaz de trazer de volta o presidente destituído, fez toda a diferença que o projeto bolivareano enfatizasse a importância da educação em seu sentido mais amplo. Bolívar sabia que a leitura da palavra e a leitura do mundo são imprescindíveis na construção de um projeto emancipatório de sociedade.

E se formos à história do pensamento latino-americano, encontraremos a mesma preocupação em José Martí, em Mariátegui e em todos os que formularam um projeto de nação na América Latina.

Se retomarmos a fala da militante venezuelana encontraremos a afinidade com o Paulo Freire que, sem dúvida, está no panteão da história do pensamento latino-americano, e que tantas vezes se referia à alfabetização em que estariam implicadas a leitura da palavra e a leitura do mundo, indissociáveis.

De que vale “ler” apenas decifrando, sem compreender o mundo que a escrita pode nos revelar? De que vale escrever quando a “escrita”

<sup>1</sup> Trata-se do vídeo “The revolution will not be televised”, realizado por Kim Bartley e Donnacha O’Brien em 2003, dentro e fora do Palácio de Governo da Venezuela.



não passa da cópia de formas sem conteúdo. De que vale discutir e tentar impor “métodos salvadores” e continuar a produzir o analfabetismo no país.

E pergunto, será que interessa a quem se apropria da riqueza produzida pela totalidade da população brasileira, fazendo-nos campeões de má distribuição de renda, que a população trabalhadora se torne capaz de ler a palavra e ler o mundo e, ao compreender o mundo, saia do silêncio a que foi historicamente condenada e diga a sua própria palavra?

### **Cá e lá, boas fadas há... apesar dos maus fados**

Também no país há quem saiba o valor da educação, quando ela é educação libertadora. Trago a fala do Ciço – Antônio Cícero de Sousa, a mim apresentado por Carlos Rodrigues Brandão que, além de todos os seus méritos, traz a poesia para a educação. Em seu livro *A questão política da Educação Popular*, oferece o Prefácio ao Ciço, que muito nos faz pensar sobre educação no país.

Ciço abre o Prefácio trazendo a pergunta que lhe teriam feito:

“Ciço, o que que é educação?”

Ele discorre sobre o que significa educação quando diferentes sujeitos a ela se referem. *A pronúncia é a mesma – educação –* daí ele continua perguntando “*É a mesma coisa? É do mesmo que a gente fala quando diz esta palavra?*” E Ciço desenvolve uma incrivelmente lúcida argumentação, em que nos leva a compreender que do lugar de onde se fala Educação significa diferente. Ele pergunta e ele mesmo responde. A vida do pobre, a vida do rico, a diferença da escola para o pobre e da escola para o rico. *Quando o senhor fala de educação se trata de professor fino, de roupa boa, estudado; livro novo, bom, caderno, caneta, tudo muito separado, cada coisa do seu jeito, como deve ser.* E agora o mais importante – *Um estudo que cresce e que vai muito longe de um saberzinho só de alfabeto, uma conta aqui e outra ali...*

– “Do seu mundo vem um estudo de escola que muda gente em doutor”.

E a sua escola, a escola do pobre, como ele a descreve. Eis o que nos diz Ciço:

*A escolinha, um ano, dois, um caderninho, um livro, cartilha? Aquilo de um bê a-bá, de um alfabetozinho. Deu pra aprender? Não deu. E, melancólico, conclui: pra quem é como esse povo da roça, o estudo da escola é de pouca valia, porque o estudo é pouco e não serve para fazer da gente um melhor.*

*O que é que a escola ensina, meu Deus? Sabe? Tem vez que eu penso que pros pobres a escola ensina o mundo como ele não é*

Antônio Cícero de Sousa, o Ciço, lavrador no sul de Minas Gerais, teve a sua fala publicada como o Prefácio do livro organizado por Carlos R. Brandão em 1980. Hoje, 25 anos depois da publicação desta fala do Ciço, encontramos no livro do Ferréz, com a participação de Mano Brown – *Capão Pecado*, um depoimento mais duro, pudera não, se a vida foi ficando mais e mais dura para os pobres deste país e alguns se puseram a falar mais alto. Mas um sentimento se mantém – a tristeza de saber que há uma escola que muda a vida das pessoas e, como uma larga e bela avenida, abre alas para que os privilegiados passem, e outra, que contribui para que tudo continue como sempre foi – uns com tanto e outros com tão pouco. Eis um fragmento do livro de Ferréz:

*“Alguns conseguem edificar uma casa, outros perdem a sua na enxurrada, poucos progridem, muitos regridem, Estamos no lixo mesmo, mano. O playboy estuda e o pobre fica na rua. Enquanto estamos nos presídios, os playboys estão trabalhando e tomando conta de todos os espaços.”*

Apesar do desencanto, ainda fica uma tênue luz que não deixa morrer a esperança. O personagem de Ferréz afirma: “Por isso que eu falo, truta, eu quero continuar a estudar, e se Deus permitir, mano, eu quero ter um futuro melhor” (p. 117).

A escola continua a alimentar o imaginário dos deserdados dessa terra. Não apenas os personagens de Ferréz, mas se recordarmos um forte diálogo entre dois irmãos no filme *Cidade de Deus*, vamos lembrar o momento em que o irmão mais moço pede ao irmão mais velho, já um dos *capi da gang* do tráfico, que lhe dê uma arma.

– “Que eu já sou um homem, já faço criança”.



Ao que, o importante capo do tráfico, seu irmão, respondeu

– “Você não. Você é inteligente e tem que ir pra escola”.

Para o bem sucedido *capo da gang* da Cidade de Deus, há um destino melhor do que ser parte da droga, cujo destino é inevitavelmente a morte – é ir para a escola e aprender a ler, escrever e tudo o que possa mudar a vida de um pobre, ou seja, sair da miséria a que os pobres têm sido condenados.

O que a História nos ensina é que sempre que houve uma mudança radical numa sociedade houve igualmente um grande investimento em educação. Assim aconteceu na Revolução Industrial inglesa, não apenas da parte dos donos das fábricas que precisavam que os operários fossem capazes de ler as indicações para o uso das máquinas, mas também da própria classe operária que se fazia naquele momento e desejava se educar e educar seus filhos; assim também aconteceu quando Lutero, rompendo com a instituição Igreja Católica, liderou a Reforma, em seguida pressionando os príncipes alemães a educar o povo a fim de que todos pudessem ler a Bíblia; assim foi na Revolução Russa quando logo após a tomada do poder, um importante grupo se pôe a pensar como deveria ser um projeto educativo para a emergência de um Homem Novo para construir um Mundo Novo; assim foi em Cuba quando, logo após a revolução, todos os alfabetizados da ilha foram mobilizados para alfabetizar todos os analfabetos que o regime de Batista produzia.

Se assim tem sido, não nos resta surpreendermo-nos quando, ocupando o penúltimo lugar no mundo em distribuição de renda, até hoje não tenhamos conseguido ter a totalidade da população alfabetizada. Quando uma “revolução” houve no Brasil em 1964, para nós um golpe de Estado, Paulo Freire teve de sair do país para não ser preso, indo pelo mundo a ajudar os povos que desejavam se alfabetizar, enquanto no Brasil era criado o Mobral que, acreditando se apropriar do “método Paulo Freire”, distorcia uma concepção de mundo onde se incluía uma concepção de alfabetização, reduzindo alfabetização a rabiscar o nome e soletrar palavras, preocupados que estavam seus promotores, mais com os resultados estatísticos do que em alfabetizar todos e todas que não sabiam ler e escrever.

Até hoje encontramos os defensores dos métodos milagrosos. Vez por outra aparecem os defensores das casinhas felizes, da palavração como o irrefutável melhor caminho para alfabetizar toda a população, ou ainda de quem acredita o importante ser como vamos denominar o processo de aquisição da linguagem escrita – alfabetização ou letramento. E enquanto a academia produz artigos, *papers*, livros, os analfabetos continuam a procurar as Fernandes Montenegro, como em *Central do Brasil*, para escrever e ler as cartas que recebem e que desejam responder.

Mas felizmente a lucidez não nos abandonou de todo. E mestre Leandro Konder em 2005, lança o livro *As artes da palavra*, onde se encontra que

ler não é mera decifração de letras e de palavras. Não é uma operação mecânica... Minha experiência pessoal me ensinou que jamais aprenderei a ler tão bem quanto necessitaria... Quem lê poesia, romances, peças de teatro, ensaios, crônicas, de fato está lendo a vida. Aprender a ler, então, é como aprender a viver: não termina nunca.

### **Eu aprendi a ler um livro e aprendi também a ler uma partitura**

Há alguns anos li uma entrevista de Egberto Gismonti, na qual afirmava que em criança foi para a escola de letras e aprendeu a ler e a escrever. Mas como em sua família a música era valor, ele foi também para a escola de notas, onde aprendeu a ler e escrever música. Discorrendo sobre a importância da educação que teve e lamentando que nem todas as crianças pudessem ter a mesma oportunidade que a vida lhe oferecera, concluía:

É por isso que hoje, quando eu viajo como agora, posso me sentar num avião e ler um livro ou uma partitura, o que quase nunca acontece com quem viaja ao meu lado.

Sempre que me lembro desta fala de Gismonti, lembro-me também do trabalho de Ivanise, professora numa escola da Maré, no Rio de Janeiro.



Naquele tempo, quando as crianças revelavam aos olhos da escola não estar aprendendo, eram, ao final do ano, submetidas a um teste importado dos Estados Unidos que, conforme o resultado, as rotulava de “aluno com dificuldade de aprender”, ou “aluno deficiente”; alguns eram encaminhados para o Posto de Saúde para um “diagnóstico mais preciso” e a maioria encaminhada ao que era denominado “turma especial”. As turmas especiais estavam ligadas a uma Assessoria de Educação Especial que definia normas a serem seguidas para melhor atender às “crianças especiais”, dava treinamentos para as professoras, avaliava e, ao final fornecia às crianças uma declaração de pouca ou nenhuma valia, pois não lhes possibilitava retornar às turmas normais, nem tampouco dar continuidade à escolaridade de ensino médio. Estavam condenadas à anormalidade.

A turma de Ivanise era uma dessas turmas especiais, das quais se esperava muito pouco, apesar do discurso, que já começava a aparecer, da “inclusão”

Ivanise, inconformada com o fracasso daquelas crianças, se pôs a pensar com a orientadora educacional Rosa, o que fazer de modo a reverter o fracasso e conseguir que aqueles meninos e meninas aprendessem pelo menos a ler e escrever. Eis que Ivanise toma conhecimento em suas conversas com seus alunos e alunas que muitos deles participavam da escola de samba mirim e nela tocavam na bateria. Como tinha noções de música, pois seu companheiro era músico, propôs que os meninos trouxessem os instrumentos que tocavam na bateria.

Para encurtar a história que já se faz longa os tambores, tamborins, pandeiros, surdos e cuícas foram aparecendo na escola, os sons foram tomando conta da sala de aula e se espalhando pela escola e ganhando as ruas, e pouco a pouco, cada som foi sendo traduzido em sílabas, palavras e frases, que acompanhavam o ritmo, os sons, a harmonia. Ao final do ano, para surpresa da Assessoria de Educação Especial, os alunos e alunas de Ivanise tinham aprendido a ler e a escrever – o sabor de saber se devia à musicalidade daquelas crianças e à sensibilidade de Ivanise.

### Ler Borges pela voz do próprio Borges

Vinha eu por uma das avenidas de Buenos Aires, entrando e saindo daquelas *librerías* que me encantam, quando me deparei com *Borges por el mismo – un libro sonoro* em CD. Já havia lido sobre os *audiobooks*, que tanto sucesso andam fazendo pelo mundo mas, *Borges por el mismo*, era demais. Emocionada comprei o *libro sonoro* e, tantas vezes já o ouvi que já perdi a conta. Aquela voz cavernosa falando de Aleph, de milongas, de Buenos Aires, do labirinto, da noite, da morte, e mais, antes da maioria dos poemas um comentário dele próprio. Parece que o vejo além de ouvi-lo.

Desde esse dia, quando faço minha caminhada na orla da Lagoa Rodrigo de Freitas, Zona Sul do Rio de Janeiro, onde moro, me deparei com homens e mulheres de diferentes idades, muitos deles com seu *earphone*, me pergunto curiosa – o que será que ouvem, música ou poemas, poemas ou romances?

### Dominância da escrita – livro – Dominância da tela – imagem

Os estudos de Gunther Kress e de outros estudiosos da linguagem vêm nos alertando para mudanças radicais que estão a se dar na sociedade, ainda que muito lentamente sejam levadas em consideração pela escola. A forma canônica de representação da escrita, preocupação maior da escola, foi sendo superada fora da escola por outra forma ainda não canonizada, a imagem. Isso traz consequências profundas nos modos de produção de conhecimentos, produzindo por consequência mudanças significativas na construção/negociação/comunicação de *significações*, como quer Umberto Eco, ou de *sentidos* como nos chegou de Bakhtin – sempre desconfiando das traduções que antes de chegar ao português passaram pelo inglês ou pelo francês; afinal como afirma Benjamin *ogni traduttore traditore*.

Até um tempo, tempo esse que se mantém como a verdade para muitos, havia uma ordenação na escrita e na leitura, a ser seguida por todos e que levou ao fracasso de tantos. Talvez esta seja a explicação para o até então inexplicável.



Como Mandelbrot, respeitado cientista que revolucionou a geometria convencional criando a geometria fractal, afirma até hoje ignorar o alfabeto, tendo portanto imensa dificuldade para consultar um catálogo, ainda que possa ver coisas que outras pessoas não conseguem. Ao fazer exame para a Escola Politécnica da França conseguiu excelentes notas porque traduzia mentalmente as perguntas em imagens. "Eu não programo os computadores, mas encontrei modos de trabalhar de forma muito interativa com notáveis estudantes e assistentes. Na realidade desenvolvi uma capacidade para contribuir para eliminar erros de programas que não sei ler, analisando as imagens errôneas que produzem esses programas".

O texto escolar apresenta uma ordem que sugere ou obriga à leitura seguir cada palavra após outra, cada linha seguir a anterior, cada página que leva a outra página. O texto é apresentado pronto para ser disciplinadamente lido. Alguns, talvez mais curiosos, vão ler a última página a fim de antecipar o fim da trama, embora o que a escola recomende seja a leitura linha por linha, página por página, capítulo após capítulo. Esta sempre foi e continua sendo a leitura considerada correta, esse era e ainda é o bom leitor ou a boa leitora. Escrita e leitura devem seguir o cânone da língua (as línguas ocidentais, em nosso caso, apesar das tentativas de Benjamin), do gênero (conto, romance, relatório, tese, ensaio, ou o que fosse), o que não significa que excepcionalmente não pudesse aparecer um Joyce, para anunciar tempos novos.

Hoje, com a dominância crescente da tela imagética, muda a lógica, pois não se dá mais a subserviência ao texto, mas a efetiva e surpreendente produção de sentidos. O leitor ou leitora, passeia pelo texto e vai trabalhando no sentido de produzir sentidos, abrindo entradas, criando outras, num processo com possibilidades infinitas de inovação. A produção de sentidos torna-se um trabalho real, um trabalho semiótico, em que o leitor/escritor torna-se um trabalhador que se transforma ao produzir/transformar sentidos. Produz-se uma mudança nos recursos e mudanças naqueles que a produzem. Cada um/uma produz a sua própria ordem.

Como afirma Kress, *literacy is meaning*, em português, alfabetização é sentido.

### Algumas considerações finais

Enquanto pesquisadores tentam melhor compreender o complexo processo de se tornar usuário da linguagem escrita, outros procuram explicações para o fracasso escolar e a incapacidade da escola para universalizar o alfabetismo, alguns outros buscam e/ou acreditam ter encontrado o melhor método por lhes parecer ser o bom método a solução para o problema não resolvido do analfabetismo. Enquanto isso, na escola as crianças patinam nos caminhos únicos do método que lhes é oferecido para aprender a ler e a escrever e as estatísticas lá na frente insistem em denunciar que os alunos e alunas chegam à 8ª série sem o domínio da leitura e da escrita. Quantas vezes em reuniões de colegiado de Mestrado e Doutorado aparecem as queixas de "*como chegou aqui sem saber ler e escrever*".

A escola, mais das vezes, é como se colocasse todas as crianças num trem que parte do mesmo lugar, a estação do "Não saber ler e escrever", esperando que, caso o trem não saia dos trilhos, ao final, todas as crianças chegassem ao mundo maravilhoso da literacia (como dito em Portugal) ou do letramento (como de uns tempos para cá se passou a dizer no Brasil), tanto lá como cá partindo de *literacy* pedido emprestado da língua inglesa.

Enquanto as discussões de tanta repetição vão se tornando bizantinas, algumas crianças, oxalá fossem muitas, quiçá todas, saltam do trem da linearidade do método e vão criando os seus próprios métodos de aprender, de descobrir, de produzir conhecimentos. Saem da linha do trem e vão correndo livres por campos e praias, por atalhos, pelo desconhecido, atentas ao mundo que as cerca e desafia a conhecer, abrindo picadas e descobrindo/produzindo o maravilhoso mundo das múltiplas leituras. E lá vão elas fazendo surpreendentes leituras do mundo, e nessas fascinantes leituras de mundo descobrem a palavra e tudo que a palavra traz de possibilidade de dizer o mundo. Tornam-se leitores e escritores autores de seu próprio *script*.